

---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

---

**CHRISTIAN JOSÉ CURCIO**

**INCLUSÃO E EXCLUSÃO NA VELHICE: A  
(DES) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
SOCIAIS**

CHRISTIAN JOSÉ CURCIO

**INCLUSÃO E EXCLUSÃO NA VELHICE: A (DES)  
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS**

Orientador: Prof. Dr. César Donizette Pereira Leite

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro (SP)  
2015

301.435 Curcio, Christian José  
C975i Inclusão e exclusão na velhice : a (des) construção de  
identidades sociais / Christian José Curcio. - Rio Claro, 2015  
32 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: César Donizette Pereira Leite

1. Envelhecimento. 2. Idoso. 3. Paradigma. 4.  
Modernidade. 5. Estereótipo. I. Título.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe a discussão sobre o processo de construção da identidade do idoso levando em consideração as representações sociais veiculadas pela mídia e as expectativas e sentimentos dos idosos. A pesquisa tem como objetivo identificar as representações sociais sobre a terceira idade que circulam nos variados meios de comunicação; analisar as representações sociais sobre o idoso, os estereótipos, tanto os antigos (onde o idoso era considerado apenas um peso para as famílias) como os novos (o idoso atleta e “descolado” que busca a eterna juventude); compreender o significado do conceito de ‘terceira idade’ e o significado que essa expressão tenta ocultar; compreender os mecanismos de inclusão e exclusão do idoso nas ações da sociedade cível e pública; entender o quanto a convivência entre diferentes origens e diferentes gerações pode ser benéfico pra ambos os lados usando como base minha experiência no PEJA, assim como a busca do ideal do *ser idoso, o idoso real*, humano, referência de experiência, que ensina e também aprende, respeitado como pessoa sem mais ser considerado como apenas um número de estatística. A pesquisa também contará com uma revisão bibliográfica sobre os processos de construção identitária, representações sociais, influência dos meios de comunicação e terceira idade, com ênfase nas representações expressas na publicidade.

**Palavras-chave:** Idoso. Paradigmas. Modernidade. Estereótipos. Envelhecimento.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O antigo estereótipo: “O VELHO IDOSO”.....	5
CAPÍTULO 2 - “Terceira Idade” e ”Melhor Idade”.....	8
CAPÍTULO 3 - O novo estereótipo: “O SUPER IDOSO”.....	10
CAPÍTULO 4 - Por uma não exclusão, o ideal do “SER IDOSO”.....	15
CAPÍTULO 5 - Minha breve e gratificante experiência com o PEJA.....	18
CONCLUSÃO.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	27

## **Inclusão e Exclusão na velhice: a (des) construção de identidades sociais**

### **INTRODUÇÃO:**

Ver televisão hoje em dia é algo bastante contraditório, de um lado receitas mágicas para se conseguir atingir praticamente qualquer objetivo, de outro tentam nos convencer que somos os únicos responsáveis por nossos sucessos (e fracassos), ou seja, ao mesmo tempo “somos e não somos”.

Diante de tais contradições, o sujeito que se encontra em idade adulta se sente confuso, diante de um turbilhão de novos padrões que todos os dias são substituídos por padrões mais novos, que por sua vez também serão substituídos por padrões ainda mais novos... Tamanha fluidez de comportamentos e padrões já provoca náuseas em um texto, na “vida real” as reações são mais contundentes, depressão, crises de ansiedade e outros males comumente apelidados de “males da modernidade”. Uma modernidade cada vez mais individualizada, limitando as escolhas de tal forma, que elas nem podem ser consideradas escolhas, que segrega e exclui àqueles que não se enquadram, ou aqueles que ousam questioná-las.

*A ordem das coisas como um todo não está aberta a opções; está longe de ser claro quais poderiam ser essas opções, e ainda menos claro como uma opção ostensivamente viável poderia ser real no caso pouco provável de a vida social ser capaz de concebê-la e gestá-la. (BAUMAN, 2001, p. 6)*

O excesso de velocidade da informação também mantém o controle sobre os indivíduos que acabam se tornando reféns dos tais padrões, fechando ainda mais o cerco e assim evitando que a ordem vigente seja afetada. E assim, cada vez mais isolados, os seres humanos vão se enquadrando cada vez mais neste paradigma

em que a individualidade é convenientemente confundida com individualismo, e quanto mais individualista é uma pessoa, mais louvado é o seu “jeito de ser”.

*Nossa cultura está tão impregnada pela idolatria da individualidade que perde de vista que o homem é um ser singular que abriga o coletivo. A consciência dessa dimensão paradoxal do self humano é mantida por outras culturas, nas quais o mito da individualidade não foi tão prevalente. (SAFRA, 2002, p. 26)*

Se viver, segundo o atual paradigma da modernidade, parece complicado para um adulto que já cresceu cercado de constantes inovações tecnológicas, então, como seria para alguém que nasceu numa época em que os valores eram menos fluidos do que hoje? Como seria para uma pessoa que sobreviveu à diversas doenças infantis sem nunca ter sido vacinada, ver uma pessoa mais jovem, consumindo “drogas milagrosas” para emagrecer e usando a saúde como pretexto?

Ser padrão não é fácil, ser diferente então, é muito mais difícil, não é por incapacidade cognitiva que as pessoas ficam confusas em uma era de tanta fluidez como é este início de século XXI, é muita informação ao mesmo tempo, é muita novidade surgindo, é muita “nova necessidade” mostrada pela publicidade. São muitos moldes para que nos encaixemos, e assim encaixados continuemos a reproduzir a ordem vigente sem quaisquer questionamentos ou tentativas de real transformação do paradigma.

*A maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas demais, ou de alguma outra forma inadequadas para a tarefa. Não que a ordem econômica, uma vez instalada, tivesse colonizado, reeducado e convertido a seus fins o restante da vida social; essa ordem veio a dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem. (BAUMAN, 2001, p. 6)*

O paradigma da modernidade nos cerca de conforto (muitas vezes desnecessário) para que não fiquemos à vontade e, conseqüentemente não tenhamos coragem de questionar se tais padrões impostos são justos ou a quem realmente eles favorecem. Os laços afetivos, como a família, vão se liquefazendo,

afastando as pessoas e tornando as relações familiares cada vez mais distantes e superficiais.

*Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? E claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (BAUMAN, 2001, p. 7)*

Dentro deste tsunami de conflitos também estão crianças e idosos. Especificamente no caso dos idosos, os conflitos gerados pelo paradigma da modernidade começam causando um conflito de identidade.

De um lado, aquele conceito mais antigo e preconceituoso em que o idoso era um fardo que “nada acrescentava” à família, em alguns casos menos cruéis era visto e tratado como mera figura decorativa dentro de casa. Esse cenário de violência leva a um quadro de rejeição que só dificulta mais a construção da identidade do idoso, estaria ele apenas esperando a morte? Ele, em sua idade avançada, traria aos mais jovens a lembrança de que as pessoas não são eternas? E a morte, na sociedade moderna, tem o status de maldição, embora sejamos constantemente lembrados dela pelos organismos de mídia.

*Assistimos todos os dias, nos jornais e seriados da TV, à exibição de numerosas mortes, algumas das quais são apresentadas em detalhe (geralmente bastante sanguinolentos). Nem por isso, para a maioria das pessoas, a morte transformou-se num fenômeno sobre o qual possuem alguma experiência ou domínio. Junto ao tradicional medo pela morte (que os humanos sentiram desde os albores da humanidade), soma-se agora uma estética da negação, que transforma em um banalizado e grotesco filme de horror qualquer referência séria a ela. Sabemos que, nas cidades modernas, quase ninguém morre em sua casa (a maioria das exceções é por acidente ou morte súbita). Mas será que em um hospital podemos realmente morrer? (LEIS, 2003, p. 342)*

Por outro lado, por razões mercadológicas, ganhou força nas últimas décadas um novo conceito de idoso. Seria alguém como um super-idoso que, se tiver parado



de trabalhar, terá um *hobbie* que ocupará grande parte de seu tempo, será um assíduo praticante de exercícios físicos, fará viagens internacionais, será “feliz e saudável” mantendo-se “jovem” por mais tempo. Analisando a situação de forma mais crítica, é alguém que só existe no ideário da mídia e da publicidade.

*A aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividades de lazer. Neste contexto, o lazer aparece como possibilidade de evitar o envelhecimento, dentro de uma visão funcionalista, mas também compensatória, vem sob as vestes da saúde, trazendo a ideia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude. (RODRIGUES, 2003, p. 2)*

E neste momento dá-se um novo tipo de exclusão, se o idoso de antigamente era excluído de forma compulsória pelo simples motivo de estar velho demais para ter alguma “utilidade”, o idoso de agora é obrigado a seguir uma série de determinações ditadas pelo mercado, mas se tais obrigações não forem cumpridas ele será excluído e carregará o rótulo de fracassado.

Por que o idoso não pode ser respeitado em sua própria identidade? O que é a “terceira idade”? Por que ele tem que correr quarenta e cinco minutos diários para ser considerado saudável? Por que nesse processo todo, o aspecto biológico é levado mais em conta do que o aspecto cognitivo e o aspecto social? Um idoso que não seja atleta, que não faça viagens internacionais, que tenha mobilidade limitada não pode se considerar feliz e realizado? Tais perguntas confirmam a existência de uma forma de exclusão na terceira idade provocada por uma visão distorcida que a mídia transmite, e que torna o envelhecimento um processo mais complicado do que deveria ser.

## Capítulo 1 – O antigo estereótipo: “O VELHO IDOSO”

Como era visto o idoso até as décadas de 60 e 70? Era aquela avó de comercial televisivo que vestia roupas escuras e passava o dia tricotando ou aquele avô que dormia sentado ao lado da lareira, ou seja, era aquela pessoa que já havia saído da chamada “idade produtiva” e agora só esperava a morte enquanto os parentes mais jovens (filhos, noras, genros, netos, etc.), no pleno vigor de sua juventude, produziam para o sustento da família. Aquilo que o idoso já não era mais considerado capaz de fazer.

Diferente de antigas sociedades patriarcais em que os idosos eram líderes, respeitados por sua sabedoria e experiência de vida, os idosos da modernidade ocupam o lugar de “fardo que as famílias precisam carregar”. Sua presença não é bem vinda, o idoso representa a finitude do ser humano, o que para um jovem ou adulto é algo ainda distante de seus pensamentos, uma realidade inevitável que o adulto jovem prefere, pelo menos por enquanto, não entrar em contato.

*Como ensinam as ciências da vida e da saúde e a reflexão filosófica e religiosa, mas também e, sobretudo a própria experiência cotidiana: morte, finitude e - acrescentaria - vulnerabilidade são características intrínsecas, ou ontológicas, dos sistemas vivos, os quais são sistemas jogados no Mundo e situados no Tempo, submetidos, portanto a um processo irreversível que inclui o nascer, o crescer, o decair e o morrer. (SCHRAMM, 2002, p. 17)*

Essa fobia aos idosos seria ainda explicada levando em conta motivos religiosos estimulados principalmente pelas religiões ocidentais. A velhice assustaria aos mais jovens principalmente “*porque a velhice traz tudo que a sociedade moderna faz tanto por esconder ou deter: a solidão, os odores, o medo da morte*” (LUCENA, 2003, p. 72).

E por que temos tamanho medo da morte? A morte não significa apenas a finitude do ser humano, sua deterioração e seu conseqüente esquecimento, a morte significa a perda de todos os prazeres que a vida é capaz de proporcionar.

*A propósito da morte detectamos um “buraco negro”, uma zona obscura e mal resolvida da condição humana na sociedade moderna, talvez de maior importância que aquela referida à questão sexual. (LEIS, 2003, p. 343)*

Morrer é ser privado de tudo aquilo de que gostamos e que fazemos, é ser privado de quem nos cerca, de quem convive conosco. Nada que evoque a esse tipo de sensação iminente de perda poderia, segundo o paradigma do *velho idoso*, ser considerado salutar.

Mas o que a morte esconde de ainda mais assustador é o chamado “acerto de contas” com algum tipo de divindade suprema, e nenhuma pessoa que crê em uma força superior, faz questão de que esse tal acerto ocorra tão cedo. É um medo individualizado da morte estimulado pelas grandes religiões ocidentais.

*Isso porque o medo “individual” da morte da forma como hoje se nos apresenta é acompanhado da ideia de que o velho é como um signo premonitório de nossa própria morte. E, ainda, esse medo individual é também como o medo de um castigo imposto por um pai, um acerto de seus pecados. Vide aí toda a gênese explicativa dos primeiros passos do homem sob a ótica das grandes religiões do ocidente. (LUCENA, 2003, p. 73)*

Este medo intrínseco da morte unido à fluidez das relações interpessoais causa ainda mais distanciamento entre os idosos e as pessoas mais jovens.

Além de ser excluído sob o pretexto das questões biológicas e religiosas, o paradigma do *velho idoso* se escorava nas motivações econômicas para justificar o porquê da exclusão. Em uma sociedade onde a pessoa que não tem um trabalho é rotulada com termos depreciativos como vagabundo e inútil, uma ocupação é um meio utilizado para controlar, “qualificar” e principalmente excluir seres humanos. Neste cenário de supervalorização do trabalho surge o desprezo que alguns sentem por moradores de rua, por desempregados, por mulheres que são “donas de casa” e também por idosos.

*É a supervalorização do trabalho se disseminando por todos os recônditos e estratos sociais. Família, escola e sociedade em uníssono defendem e proclamam o tema como o problema e a solução para os dias atuais. Trabalhar e respirar parecem ser sinônimos, pois viver não é*

*possível sem o trabalho. (SILVA, 2004, p. 44)*

A questão da não produtividade econômica (no caso dos aposentados) também contribui para reforçar que os mais velhos sejam considerados inúteis em uma sociedade, na qual só se é valorizado aquele que “produz riqueza” material, riqueza que o idoso aposentado “consome” sem “produzir”.

*A aposentadoria, por exemplo, é uma ferramenta sociopolítica que insere o idoso em um grupo muito específico. Ela, ao invés de representar a gratidão do Estado diante dos anos de trabalho e produção, veste o sujeito com trajes de invalidez e o nomeia como parasita do dinheiro público. (ZEPPELLINI JR, 2005, p. 39)*

Então, nesse sentido, sobra pouco (ou nenhum) lugar para o idoso em um mundo que privilegia os mais jovens. Em alguns casos esse lugar acaba sendo alguma instituição gerontológica em que o idoso ficará confinado, os asilos ou casas de repouso, isto quando não são relegados a um estado de completo abandono e isolamento. Por não produzirem riquezas e por lembrarem que o ser humano é finito os idosos são descartados, muitas vezes, por seus próprios familiares, o que acaba induzindo o idoso a não aceitação de sua própria identidade como idoso.

*Nesse cenário social de predomínio da efemeridade e da não permanência, há pouco espaço para os idosos que acabam por ficar desprotegidos e marginalizados, contexto esse que tem como resultado a dificuldade de auto aceitação e mesmo de rejeição, por parte do idoso, de seu próprio envelhecimento. (RODRIGUES; SOARES, 2006 p. 5)*

É necessário ressaltar que, mesmo com algumas mudanças de paradigma, o *velho idoso* continua sendo a maneira mais comumente usada para se gerar a exclusão dos idosos.

## Capítulo 2 – “Terceira Idade” e “Melhor Idade”

Com o passar do século XX e os avanços da medicina, a expectativa de vida do ser humano cresceu em uma larga escala, fazendo com que o número de pessoas idosas aumentasse como nunca antes havia acontecido. Mais pessoas envelheciam conseqüentemente mais estereótipos negativos eram gerados. O *velho idoso* não era somente um símbolo da proximidade da morte, ele era um símbolo de pensamentos retrógrados e apego a valores ultrapassados.

*O ser velho representa um conjunto de atribuições e transformações negativas que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social o velho está diretamente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social; imagem negativa do aposentado, significando um final de vida, falta de capacidade pessoal e a exclusão da rede produtiva; pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que por todos esses motivos fez opção pela passividade. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 8)*

Porém, com mais idosos no mundo, algum plano precisava ser pensado e nesse sentido surgiram as ideias de que os idosos não eram mais os “velhos e inúteis” do passado, agora eles eram senhores idosos e a velhice agora passava a se chamar *Terceira idade*.

*Num movimento de oposição à velhice e toda a carga de representação social negativa e depreciativa que ela traz consigo, a expressão Terceira Idade, uma criação da sociedade contemporânea, vem dar uma nova conotação a esta fase da vida que oficialmente começa aos sessenta anos de idade. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 9)*

Esta mudança conceitual trazia em si, um sentido classificatório que separava as idades cronologicamente, deixando um lapso de dez anos entre o início da *terceira idade* biológica (começa aos 50 anos) e a *terceira idade* econômica (começa aos 60 anos).

*Daí, sob o ponto de vista econômico, a velhice, também chamada de Terceira Idade, inicia aos 60 anos. Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em: Primeira idade: de 0 a 20 anos; Segunda idade: de 21 a 49 anos; Terceira idade: de 50 a 77 anos; Quarta idade: de 78 a 105 anos. (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008, p. 116)*

Apesar da mudança de ponto de vista trazido pelo ideal da *terceira Idade*, o próprio termo já remete à questão do envelhecimento (e ainda cita uma “Quarta idade”) e décadas mais tarde foi substituído por *melhor idade*, mudam-se as palavras, mas o significado praticamente não muda, um paradigma novo para classificar o que seria um “idoso bem sucedido”.

*Envelhecimento bem sucedido, qualidade de vida e terceira idade implicam na circulação da ideia de um velho identificado como fonte de recursos – autônomo, capaz de respostas criativas frente às mudanças sociais, disponível para re-significar identidades anteriores, relações familiares e de amizade. (BARROS; CASTRO, 2002, p. 121)*

“Terceira idade” ou “melhor Idade” significaram uma mudança para alguns idosos apenas, não chegou a atingir a totalidade dos idosos principalmente por ser um paradigma atrelado às diversas formas de consumo. Acontece que o mercado não podia mais ignorar as pessoas idosas, eles sempre existiram, mas agora eram vistos pela sociedade capitalista. E principalmente pelo mercado que agora enxergava o idoso como um consumidor em potencial.

### Capítulo 3 – O novo estereótipo: “O SUPER IDOSO”

A sociedade sob o paradigma da modernidade pertence àqueles que estão vivos, ou seja, àqueles que produzem riqueza, que tem a vitalidade da juventude para realizar suas tarefas diárias e ainda desfrutar de um lazer agitado e “saudável” realizando exercícios físicos, pelo menos do ponto de vista do mercado e conseqüentemente, da mídia. E se assim foi durante a juventude e vida adulta, assim será durante a velhice, ou melhor, durante a *terceira idade*.

*A expressão Terceira Idade traz consigo uma convocação a práticas de atenção e cuidados com a saúde, vida social ativa e exercício da cidadania na busca de um envelhecimento com boa qualidade de vida. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 10)*

Viver é frequentar academia de ginástica, trabalhar muito, se alimentar de forma “adequada”, ter uma saúde impecável e ostentar uma forma física digna de um atleta de alto rendimento, nem que para isso a pessoa tenha que se sujeitar a tratamentos estéticos de eficácia não comprovada, consumir drogas lícitas (emagrecedores, soníferos, ansiolíticos, etc.) diariamente ou sacrificar as relações humanas com seus entes mais próximos, inclusive negar sua própria natureza humana e finita, ou seja, sob a veste da “volta à vida ativa” esconde-se uma cultura de negação do envelhecimento.

*Essa nova terminologia concorre para o estabelecimento de novas necessidades e aspirações para os indivíduos idosos, todas elas ligadas a uma auto-imagem positiva. Portanto, pretende-se associada ao lazer, a realização de planos que ficaram para trás por circunstâncias adversas durante o curso de vida, a aposentadoria ativa. Mas, de forma sublinear está também associada ao retardamento e a negação da velhice. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 10)*

A pessoa não deve ficar em casa, deve sair com as centenas de “amigos”

para se “divertir”, nem que isso seja conflitante com uma personalidade menos extrovertida. E se por um acaso, ele resolver não sair de casa, os “amigos” terão outra companhia para ocupar o lugar que foi deixado vago. A sociedade descarta o que não tem mais valor e troca por um novo. Para não ser descartado, vale tudo para retardar a velhice e criar a ilusão de juventude eterna.

*Cria-se, pois, um “novo velho” – um velho que deve se manter afastado do envelhecimento através da prática de atividades físicas e mentais, as quais lhe garantiriam a manutenção de suas capacidades funcionais e, em última análise, de sua juventude. (BARROS; CASTRO, 2002, p. 120)*

Embora Ponce de León nunca tenha encontrado a lendária fonte da juventude, o mercado, através de uma infinidade de cosméticos, alimentos funcionais, programas de exercícios e as famosas cirurgias plásticas reforça a ilusão de que “só envelhece quem quer”. E se qualquer um que mostrar força de vontade e obstinação de acatar todos os conselhos e prescrições que lhe forem passadas, estará apto a ser considerado um *super idoso*.

*Tal vivência parece depender quase que exclusivamente do engajamento e da disciplina de cada indivíduo em fazer de sua velhice um momento de atividade e recriação, seguindo adequadamente as prescrições médicas e os modelos sociais, estéticos e afetivos que compõem o referido estilo de vida da terceira idade, e vêm sendo intensamente divulgados nos meios de comunicação. (SILVA, 2008, p. 806)*

Tal conceito estereotipado, além de gerar preconceito contra os não adeptos do ideal de *super idoso*, reforça uma visão de que consumindo determinado produto a pessoa se manterá jovem, como se envelhecer fosse algo negativo que precisa ser evitado a qualquer custo.

*Na representação negativa da velhice, aos idosos, enquanto grupo, são atribuídas as características ruins do pior estágio da velhice como a doença crônica, a incompetência, a dependência, a incapacidade física e mental. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 8)*

Como se situa o idoso que não concorda com esse paradigma do *super idoso*? A esse idoso será imposta a pesada carga de ser considerado um típico *velho*



*idoso*, visto que mesmo com todas as “oportunidades” existentes para os idosos dos dias atuais, ele prefere uma vida menos agitada e conseqüentemente menos consumista. Mas sua vida não será fácil, alguns familiares questionarão sua atitude, muitos reprovarão aquele idoso que quer ser apenas idoso, sem nenhum “super poder”.

E o idoso que não tem uma renda compatível com os ditames exigidos pelo ideal de *super idoso*? Mesmo que sinta vontade de praticar esportes, de consumir alimentos considerados saudáveis, fazer viagens ou participar de eventos promovidos por grupos de *terceira idade*, será limitado pela questão econômica, dificilmente terá êxito, pois mesmo após anos de trabalho sua atual renda mensal não permitiria tal engajamento nesse paradigma.

*O trabalhador, após anos de trabalho, é aposentado como sendo um processo natural e esperado, onde o que deveria ser uma premiação e reconhecimento pela sua produção; acaba se tornando um processo de impossibilidades no gozo de seu tempo livre devido a um baixo rendimento. (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008, p. 117)*

Além de excludente, esse ideal do *super idoso* ou “novo velho” (Barros; Castro, 2002) estigmatiza um grupo social, enquadrando em padrões pré-estabelecidos seres humanos com diferentes histórias de vida, diferentes origens, diferentes visões de mundo. Tal padronização identitária pode ser tão nociva quanto os antigos estereótipos do *velho idoso*.

*Tomar o “novo velho” como identidade fixada indicaria, a nosso ver, ações estigmatizadoras, tanto quanto aquelas que anteriormente estavam postas, como vimos, sobre o “velho”. (BARROS; CASTRO, 2002, p. 123)*

O conceito de terceira idade, em sua forma mais contundente - o *super idoso* - vai ao encontro do que Debert (1999) chama de “reprivatização da velhice”, ou seja, é uma maneira de retirar da esfera pública uma questão que deveria ser mais bem debatida pela sociedade assim podendo ter uma abordagem menos superficial e estética. Porém, a forma com que o envelhecimento é tratado nos dias atuais individualiza a questão e imputa ao cidadão o peso total de suas escolhas.

*O processo de reprivatização da velhice, caracterizado pela noção*

*de terceira idade, retira o tema do envelhecimento do rol de preocupações sociais, restringe a responsabilidade sobre sua gerência à competência e habilidade individuais e, deste modo, procede a uma espécie de negação da identidade da velhice. (SILVA, 2008, p. 807)*

Com o processo individualizado, cabendo a cada individuo a consequência de suas escolhas, cria-se mais um eficiente mecanismo de exclusão. Aquele idoso que possui algum tipo de limitação física que torna sua locomoção fora de casa bastante dificultada, mas, no entanto adoraria fazer parte de atividades coletivas direcionadas para os grupos de terceira idade, tem frustrado o seu desejo de ingressar em uma comunidade de pessoas de sua faixa etária, apenas por não se enquadrar nos padrões físicos que os demais membros do tal grupo fazem parte.

No entanto, a mídia incute no idoso o conceito de que se ele não faz parte dos mesmos grupos e nem se comporta exatamente como os bem sucedidos *super idosos*, logo ele será considerado um fracassado e será marginalizado.

*Dessa forma, o idoso é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Por meio de um controle e manobras dissimuladas, regras de vestuário e comportamento lhes são impostas levando-o a conformar-se com a imagem que a sociedade constrói para ele. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 12)*

Exclui-se todo aquele que não representa o ideal midiático do *super idoso*, cria-se uma categoria de idosos com grande potencial mental que foi excluída pelo simples fato de seus corpos não conservarem a mobilidade dos tempos de juventude.

*Com o processo de reprivatização do envelhecimento, os sujeitos que não podem, não conseguem ou não querem criar para si uma velhice autônoma, ativa e prazerosa, identificada com os signos da terceira idade, são representados como dependentes, fracos ou ausentes, cujo estilo de vida é inadequado. No entanto, ainda que sejam depreciativas, tais imagens representariam uma alternativa de identificação para aqueles que não se enquadram no imaginário composto pela terceira idade, para os quais as imagens de saúde, atividade e vitalidade não seriam apropriadas. (SILVA, 2008, p. 807)*

É necessário ressaltar que existem iniciativas bem intencionadas que visam à

prática de esportes voltados para a terceira. Muitas destas iniciativas são elaboradas por universidades como a UNESP, elaboradas por competentes profissionais da área de saúde, mas que a participação em um destes grupos de atividades não seja a condição para a exclusão do idoso, seja por opção pessoal ou por alguma limitação, seja ela física ou financeira.

Sob a égide da modernidade, a exclusão passa a ser um fenômeno natural, pois qualquer “coisa” que deixe de ter uma utilidade óbvia é substituída por algo similar e assim sucessivamente. Mas embora idosos não sejam coisas e sim pessoas, a regra permanece sendo a mesma descartam-se seres humanos da mesma forma que “coisas materiais” são descartadas após perderem sua “utilidade”. Dentro deste cenário em que tudo é descartável, os idosos que foram excluídos são como sólidos em um mundo onde tudo é líquido e flui com harmonia (BAUMAN, 2001). Assim sendo, os idosos excluídos são tratados como eremitas que se isolaram em suas casas, como se eles mesmos tivessem se excluído do convívio social.

*Configura-se dessa forma uma desqualificação do idoso, que vai desembocar na estigmatização e justificar as várias interdições que lhe são impostas além de, sutilmente, imputar-lhe a responsabilidade por sua exclusão. Essa representação pretende universalizar um processo que é individual: o processo do envelhecimento. Cada velhice tem suas características próprias decorrentes da história de vida de cada um, das opções feitas, dos acidentes do presente, das possíveis doenças e do contexto social. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 9)*

Assim, condicionando crianças, segregando adultos e excluindo solenemente os idosos, o paradigma da modernidade mantém o controle sobre todos, fazendo com que as mentes continuem aprisionadas a preconceitos, e abertas às novas futilidades que todos os dias são impostas pelo mercado.

## Capítulo 4 – Por uma não exclusão, o ideal do “SER IDOSO”.

Dentre os diversos caminhos a se seguir, diminuir a exclusão parece o mais complexo deles. O envelhecimento em si deveria ser motivo de alegria, de um contentamento genuíno, não aquela alegria comercial vazia, mas como uma conquista, pois envelhecer é uma vitória. E não apenas a vitória de um indivíduo, mas do coletivo.

Apesar de algumas dificuldades persistirem, o acesso às instituições de saúde aumentou bastante, melhorias no saneamento básico e os avanços da medicina garantiram uma chance maior para que o ser humano possa envelhecer. Mas a sociedade não acompanhando os avanços científicos parece não ter tido a sensibilidade para entender o significado deste avanço.

*O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas do presente século. Poder chegar a uma idade avançada, já não é mais privilégio de poucas pessoas. Em contraposição, muitas sociedades não são consequentes com essas mudanças demográficas, no seguinte sentido: as mesmas atribuem valores relacionados com a competitividade para seus grupos, valorizam a capacidade para o trabalho, para a independência e para a autonomia funcional, entre outras. Só que, na realidade, muitas dessas crenças e valores, nem sempre podem ser acompanhados pelos idosos, se levar em consideração algumas mudanças e perdas que frequentemente se associam à velhice. (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO, 1999, p. 3*

Mas tal conquista do século XX parece não ter sido bem assimilada pela sociedade moderna. Uma pessoa que não produz renda, que remete à finitude do ser humano e pode representar tudo aquilo considerado ultrapassado, não deveria desfrutar dos mesmos “privilégios” que os jovens e adultos possuem, portanto o velho deveria ser substituído por um jovem ou até mesmo ser descartado, pois o

velho significava tudo aquilo que os mais jovens não queriam se tornar. Uma sociedade idealizada para receber o novo, agora tratava de excluir o velho.

*São novos valores que configuram uma nova visão de mundo, de sociedade, de um novo período histórico que se constrói globalmente. O processo de globalização, impulsionado pela revolução tecnológica (com suporte nas tecnologias microeletrônicas e da era cibernética), é marcado pela instantaneidade e descartabilidade favorecendo o culto da juventude, da beleza, da virilidade e da força física em detrimento da idade madura e da velhice que são associadas à improdutividade e decadência. Há até quem fale em “ideologia da juventude”. (RODRIGUES; SOARES, 2006 p. 5)*

A tal “ideologia da juventude” (Rodrigues; Soares, 2006) tratou de impor uma condição de vida que busca “ser jovem para sempre”, por sinal esta frase é citada em um comercial de um tonalizante para cabelos grisalhos masculinos. Essa busca advém do estigma negativo que a velhice carregou por séculos.

Mas o que há de negativo em ser velho ou idoso? Novamente a questão estética travestida como “questão de saúde” se faz presente. A velhice não é vista como padrão de beleza aceitável para uma sociedade que valoriza apenas como beleza, o padrão caucasiano, esbelto e jovem.

Idosos tem um potencial que vai além do consumismo que o mercado apregoa, eles poderiam ser a fonte de conhecimento perdido para uma geração que se acostumou com parafernálias tecnológicas e não dá valor sequer à sua própria história. A convivência entre diferentes gerações, desde que não seja de forma imposta ou forçada, sempre será positiva.

Desde que a mulher começou a conquistar seu espaço no mercado de trabalho e passou a trabalhar também fora de casa, muitos idosos passaram a ocupar um papel mais próximo de seus netos e até bisnetos. Essa convivência poderia ser explorada pelas escolas realizando trabalhos que se utilizariam da “história oral” para que os laços entre as gerações fossem fortalecidos e principalmente os mais jovens tivessem contato com outras visões de mundo menos efêmeras e imediatistas. Especialmente com aqueles idosos com algum tipo de incapacidade física.

*Devemos estimular, como espectadores críticos e ativos, os meios de comunicação de massa a promoverem imagens que destaquem a sabedoria, os pontos fortes, as contribuições, o valor e a criatividade de mulheres e de homens idosos, inclusive daqueles idosos com incapacidades. (SANTANA, 2003, p. 5)*

Esses trabalhos poderiam constar da rotina escolar como sendo atividades extracurriculares, inclusive para estudantes universitários. Para uma valorização do *ser idoso* não é necessário que algum dos lados precise ser excluído, cada qual pode e deve ter o seu espaço sem que isto gere exclusão. Claro que na última década houve alguns avanços em políticas públicas para os idosos, mas ainda há muito que se fazer para uma real inclusão do idoso na sociedade.

Só lugares preferenciais em ônibus e direito à gratuidade no transporte coletivo de nada adiantam, se muitos motoristas, orientados pelas próprias empresas de ônibus, não param nos pontos quando lá se encontra apenas um idoso. Leva-se mais em conta o lucro e desvaloriza-se o ser humano portador de direitos. É nesse caminho que uma maior interação entre idosos e crianças/jovens agiria em um médio prazo para criar uma consciência de respeito pelos idosos.

Também é fundamental que as famílias tenham consciência de que o envelhecimento trará algumas limitações físicas, e que cabe a elas ajudarem aos idosos passar por esse processo sem grandes percalços. Caberia também à família estar ao lado do idoso no decorrer, inclusive das mudanças sociais. Uma ação de ajuda muito mais solidária e consciente do que meramente obrigatória.

*Dessa forma, auxiliando-os, na medida do possível, no seu processo de adaptação e compensação permanentes diante das mudanças biológicas naturais, e das mudanças sociais, a solidariedade familiar pode constituir-se em importante fonte de apoio, que refletirá numa boa qualidade de vida. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 14)*

## Capítulo 5 – Minha breve e gratificante experiência com o Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA).

Em 2007, o currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia exigia que seus alunos realizassem o estágio de observação, seria o primeiro contato de muitos com uma sala de aula em uma condição (alunos) diferente da qual estávamos acostumados. A mim, coube o PEJA, Projeto de Educação de Jovens e Adultos da UNESP, que em Rio Claro é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rosa de Camargo.

Em uma turma composta por seis mulheres, onde apenas uma tinha menos de sessenta anos. Comecei tentando construir um conceito sobre como as pessoas mais velhas viam o processo de aprendizado formal. Mas fui surpreendido por uma conduta diferenciada dos professores (todos estudantes de diversos cursos da UNESP). Eles não despejavam conteúdo sobre as alunas, as aulas tinham sim um conteúdo, mas que era passado como uma conversa ou um debate de ideias. Sem imposição de conceitos prontos, as alunas sentiam-se mais a vontade para fazer perguntas embora os resquícios da exclusão sofrida por elas outrora, ainda fosse claramente perceptível. Vendo por este ponto de vista o conceito que eu tentava construir fora desconstruído logo de início.

Durante as aulas, ficava claro que a imagem da escola de antigamente, aquela escola rígida, de inspiração em conceitos positivistas ainda estava nas mentes das alunas, parecendo ser o que Freire (1987) chamou de “medo da liberdade”.

*Não são raras as vezes em que participantes destes cursos, numa atitude em que manifestam o seu “medo da liberdade”, se referem ao que chamam de “perigo da conscientização”. A “consciência crítica (...dizem...) é anárquica”. Ao que outros acrescentam: “Não poderá a consciência crítica levar à desordem”? Há contudo, os que também dizem: “Por que negar? Eu*

*temia a liberdade. Já não a temo”! (FREIRE, 1987, p. 12)*

Aquele temor sobre a “desconhecida” liberdade foi sendo substituído por uma consciência de cidadania, parecia que antes de participarem do PEJA as alunas não haviam percebido que isso seria possível. Após uma atividade que consistiu de uma entrevista com o diretor do Instituto de Biociências (I.B.), uma das alunas disse que, após entrevistar uma pessoa tão importante quanto o diretor do I.B., se sentia segura para entrevistar o prefeito e até o presidente do Brasil. Era o momento em que o oprimido mostrava a sua voz.

*Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em um nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987, p. 29)*

O mais gratificante da experiência, além de ver a dedicação dos professores do Peja (todos voluntários) e das alunas durante as atividades, foi a oportunidade de ver de perto como uma iniciativa sem fins lucrativos, poderia ser tão socializadora envolvendo apenas atividades mentais. Eram senhoras idosas sendo elas mesmas sem se preocupar em se enquadrar em padrões, mesmo por que em nenhum momento o projeto exigiu isso delas. O intuito do estilo de aulas do PEJA nada tinha de neutro, tampouco era uma prática ingênua, era uma prática política, era sim uma prática crítica.

*O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática “astuta” e outra crítica. (FREIRE, 1981, p. 15)*

No início eu apenas observava e anotava o que mais me chamava a atenção, com o passar do tempo fui percebendo o quão estreita era a minha visão anterior sobre as pessoas idosas. Naquele grupo fui tão bem acolhido como jamais havia sido antes, eu aprendi com elas que uma convivência entre pessoas de origens tão



diferentes entre si, sempre será benéfica para todas as partes.

## CONCLUSÃO

Em meio a tantos conceitos e estereótipos, é difícil para qualquer ser humano se situar, seja criança, jovem, adulto maduro ou idoso. A melhoria das condições de vida representada pela evolução da medicina, as melhorias do saneamento básico, contribuíram para mais seres humanos se tornassem idosos. Mas em que idade uma pessoa pode ser considerada idosa?

*Para efeito legal, idoso é a denominação oficial de todos os indivíduos que tenham sessenta anos de idade ou mais. Esse é o critério adotado para fins de censo demográfico, utilizado também pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 3)*

Mas o aumento da população de idosos representou um gasto governamental e das famílias que agora contavam com uma pessoa a mais em casa, mas uma pessoa que não produzia para o seu sustento. Além do pressuposto financeiro, outras questões dificultaram a inclusão dos idosos na sociedade moderna. Tudo aquilo que a velhice representava (solidão, declínio humano, morte) rotulou o idoso de forma extremamente negativa gerando uma gama de preconceitos que acabaram “legitimando” uma exclusão sistemática das pessoas idosas. O que acabou por deturpar a construção do significado do envelhecimento.

*A construção do significado da velhice é permeada por crenças, mitos, preconceitos, estereótipos que, nesta sociedade expressam-se por meio de representações depreciativas do fenômeno do envelhecimento e do sujeito que envelhece, definindo o seu lugar social. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 5)*

Dentro desse paradigma defeituoso, qualquer representação sobre o que era e como era uma pessoa idosa vinha impregnado por visões preconceituosas que contribuíam para um cenário de exclusão. Ou para uma estigmatização ou uma classificação excludente do que é ser idoso.

*É do cenário das representações que sairão os termos e as expressões classificatórias como velho e velhote, idoso e terceira idade. Tais termos e expressões são responsáveis pela construção de uma identidade estigmatizada, que acaba por excluir do processo social os indivíduos que se encontram com sessenta anos ou mais. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 7)*

Dentro de alguns costumes provenientes do senso comum da modernidade em que as pessoas solitárias possuem algum tipo de perversão ou mania e ser velho é não gostar de conviver com outras pessoas, juntam-se duas ideias consideradas negativas (idoso + solidão) e cria-se um distorcido estigma que associa invariavelmente os idosos a uma solidão voluntária. E mais uma vez o temor irracional que o ser humano tem da morte cria um preconceito agora associado à solidão.

*No geral, parece-me que a solidão que nos assola está muito presa também a essa relação fantasiosa do homem com a morte. O fato de não termos criado novos ritos para a morte mostra apenas o distanciamento que nossas sociedades se põem em relação ao tema. Configura-se, assim, a dificuldade que os mais jovens têm em lidar com aqueles que estão muito velhos ou próximos da morte. (LUCENA, 2003, p. 78)*

Mas o cenário se modificou a partir do momento em que a velhice é vista pelos governos com o início da elaboração de políticas públicas e novos conceitos. Também foi vista pelo mercado como uma parcela com um bom potencial para o consumo.

No paradigma da modernidade onde o capitalismo impera, a publicidade comanda as ações ditando costumes e padrões de comportamento que serão seguidos pelas pessoas até serem descartados para dar lugar a outros costumes e a outros padrões de comportamento e assim sucessivamente. Para legitimar essa sucessão de descartes, a estratégia usada pela publicidade é de vincular o produto a ser vendido com uma “experiência” positiva.

Criando esse vínculo entre produto e experiência, a publicidade consegue “autenticar” a tese que aquele produto é realmente necessário e sem ele a pessoa não estará completa mas como nada disso é explicitado, a pessoa irá acreditar que

fez sua escolha sem sofrer influências externas. E assim a publicidade conseguiu êxito mais uma vez.

*Nessa mediação, a evocação da “experiência”, como sinônimo de autenticidade, é uma importante estratégia publicitária para despertar a atenção do consumidor, propondo identificações entre as vidas cotidianas e aquilo que as marcas/produtos oferecem. Nesse sentido, uma propaganda eficaz é aquela que oferece a ‘sensação’ de que o consumidor está escolhendo livremente um modo de ser. (BELELI, 2007, p. 193/194)*

Criou-se assim, um novo conceito em substituição ao antigo estereótipo do *velho idoso*, agora o idoso bem sucedido precisa ser alguém independente e saudável, sob o risco de caso não se enquadre, ser considerado um fracassado, alguém que não teve vontade suficiente para vencer o passar dos anos. E o velho passou a idoso que por sua vez tornou-se uma pessoa da melhor idade, criando o mito de que seguindo um ritual de “vida saudável”, qualquer pessoa poderia adiar indefinidamente o processo de envelhecimento, assim podendo desfrutar por mais tempo de todos os prazeres que os mais jovens desfrutam e que aos velhos são negados pelas convenções da sociedade moderna.

*A mídia, grande parceira das representações, se encarrega de difundir uma visão fantasiosa de um envelhecimento bem sucedido, com independência e grandes possibilidades de novas atividades atraentes ao alcance de todos indiscriminadamente, trazendo também propostas de adiamento interminável da velhice e a imposição de estilos de vida. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 10)*

A construção da ideia do *super idoso* chegou a gerar um efeito positivo quando estimulou que as pessoas tivessem maiores cuidados, muito embora tivesse causado em alguns a obsessão pelo culto ao corpo como o caminho para uma pretensa imortalidade. Mas quando se trata de forjar uma ideia de identidade própria o risco de se cair na armadilha da generalização, considerando um todo heterogêneo, com diversas histórias de vida diferentes, como sendo uma única identidade, homogeneizando experiências diversas.

*No que se refere à homogeneização das experiências de envelhecimento sob o signo da terceira idade, pode-se argumentar que a delimitação de determinadas características é condição de possibilidade*

*para a definição de qualquer identidade, ainda mais, de qualquer conceito ou noção. A formação de uma identidade específica exige a seleção de determinadas características, a exclusão de outras e a demarcação de seus limites em relação a outras identidades. (SILVA, 2008, p. 808)*

Essas características que definem o que cada identidade representa, já definem um cenário onde haverá uma cisão, entre aqueles que fazem parte de determinado grupo (nós) e aqueles que não fazem (eles). Esse antagonismo entre o nós e o eles, pressupõem que tudo aquilo que fará parte de um dos grupos não fará parte do outro grupo. Portanto, para a construção de cada identidade será produzida uma diferença, serão delimitadas fronteiras sobre o que pode ser e o que não pode.

*A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". (SILVA, 2000, p. 3)*

A construção de uma identidade já é excludente por si só quando projeta uma dicotomização entre “nós” e “eles”. Quando opõe dois lados, um ou outro a ideia de que pertencer a um grupo impedirá (ou tornará mais difícil) o acesso ao outro grupo. “Nós” e “eles” passam a ser constituintes de um processo de construção de um sujeito que por sua vez terá direitos que os outros não terão.

*Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2000, p. 3)*

Esta imposição de costumes nem sempre é detectada facilmente, na modernidade as relações de poder são fluidas ao ponto de não serem percebidas. É o poder disciplinar cujas garras são invisíveis, mas sentidas por nós todos os dias. Nesse sentido, o poder não será expresso por um organismo ou governo, não

possuirá sede física, será descentralizado, mas estará marcando presença em todos os lugares.

*O poder disciplinar se caracteriza pela descentralização, invisibilidade e onipresença e implica num controle total do tempo, do corpo e da vida das pessoas. Não tem necessidade de cerimônias e marcas que restaurem a descontinuidade. Ele é contínuo e refere-se ao futuro, onde tudo irá por si mesmo. A disciplina enquanto hábito, exercício, cria saberes/verdades que não apenas a justifiquem, mas apontem se o indivíduo se conduz ou não conforme as regras instituídas. (NEVES, 1997, p. 85)*

Mas por mais que as barreiras pareçam difíceis de serem transpostas, uma nova ideia poderá abrir as fissuras necessárias para romper um paradigma dominante. Levando em conta que o convívio entre pessoas de diferentes origens e com diferentes histórias, sempre será benéfico para as partes envolvidas no processo, uma experiência onde idosos e jovens trocarão ideias sobre o mundo em que vivem ou um relato utilizando história oral onde jovens entrevistarão os mais velhos, poderia criar um vínculo entre faixas etárias distintas, como a experiência que tive no PEJA corrobora. E deste vínculo, desta convivência, nasceria um respeito que por décadas foi deixado de lado em detrimento de uma visão preconceituosa para com a velhice.

Sem excluir pessoas, o *ser idoso* é o ideal a ser atingido, sem uma homogeneização de comportamentos, respeitando as diferentes origens, condições financeiras e de saúde. Apesar da limitação do espaço reservado às aulas, vi algo muito próximo deste ideal acontecendo durante a experiência que tive com o PEJA. É claro que no paradigma vigente, o *ser idoso* pode parecer utópico e ingênuo, mas a exclusão como ocorre na terceira idade já deixou claro que é preciso ir além de se promover iniciativas para idosos com boa condição física e financeira, é necessário um novo olhar que inclua especialmente aqueles idosos portadores de debilidades físicas e aqueles com menor poder aquisitivo.

*Hoje em dia, submersos em um processo de globalização onde a ordem é ditada por um capitalismo unilateralista e violento, procuramos nos proteger e garantir nossos lugares, agarrando um ideal estético e econômico de massa. Ser jovem, economicamente ativo e cheio de energia*

*para pertencer ao grupo que gera lucro, seria a saída perfeita para adiar, ao máximo, o desengajamento decorrente do envelhecimento. Desta forma, estamos inseridos e participando de uma cultura que atrofia a capacidade de mantermos um olhar que se caracterize pela aceitação e continência de uma pluralidade. Um olhar que torne possível encontrar qualidades nas diferenças humanas, nas diferentes fases do desenvolvimento e que não fique aprisionado em um ideal de uma falsa juventude como única fonte de inspiração do mundo. (ZEPPELLINI JR, 2005, p. 41)*

Mesmo que pareça difícil, mesma que seja difícil, mesmo que a lógica pareça ilógica, mesmo que o processo seja árduo e que quase ninguém apoie, mesmo assim o intuito é seguir tentando...

## BIBLIOGRAFIA:

ARENDDT, H. Sobre a Violência. Relume-Dumará, 114 pp. Rio de Janeiro, 1994.

BARROS. R. D. B.; CASTRO, A. M. TERCEIRA IDADE: o discurso dos experts e a produção do “novo velho” Estud. Interdiscip. Envelhec. , Porto Alegre, vol. 4, p. 113-124, 2002.

BARROS. Myriam L. de; MOTTA. Alda; et al Velhice ou terceira idade? : estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, Brasil: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

BAUMAN, Z. Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, S. A Velhice: Uma realidade incômoda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BELELI, I. Corpo e identidade na propaganda. *Revista Estudos Femininos*. [online] 2007, vol.15, n.1, pp. 193-215.

DEBERT, Guita. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP. 1999

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. Cad. Pagu, Campinas, n. 21, 2003.

ELIAS, N. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 1989.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



GUATTARI, F. Micropolítica: cartografias do desejo. 2ª ed. Petrópolis:Vozes, 1986.

LEIS, H. R. A Sociedade dos Vivos. Sociologias, Porto Alegre, ano 5, nº 09, jan/jun 2003, p. 340-353.

LUCENA, R. F. De solidão e outras falas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E LAZER, 3., 1998, Piracicaba. Anais... Piracicaba: UNIMEP, 1998, p. 250-256.

LUCENA, R. F. Elias: solidão e morte. Conexões, Campinas, v.1. nº1, p. 71-78. 2003.

NEVES, C. E. A. B. Sociedade de Controle, o neoliberalismo e osefeitos de subjetivação. In: SILVA, André do et al. (Org.). Subjetividade: questões contemporâneas. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 84-91.

PEIXOTO, C. Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: Velho, velhote, idoso, terceira idade... IN: BARROS, M. M. L. (Org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 69-84.

PERES, M. A Andragogia no limiar da relação entre Velhice, Trabalho e Educação. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.20, p. 20 - 27, dez. 2005

PONTAROLO, R. S.; OLIVEIRA, R. C. S. Terceira Idade: Uma breve discussão. Publ. UEPG Ci. Soc. Apl. , Ling., Letras e Artes, vol. 16, p.115-123, Ponta Grossa-PR, jun 2008.

RODRIGUES, M. C. - As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003 online.

RODRIGUES, L. S. SOARES, G. A. Velho, Idoso E Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. Revista Ágora, Vitória-ES, n.4, 2006, p. 1-29.

SAFRA, G. Memória e Subjetivação. Memorandum, 2, 21-30.(2002)

<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm>.

SANTANA, J. A. - Do peso e da leveza: sobre a velhice. Revista da UFG, Vol. 5, Nº 2, dez 2003 online.

SCHRAMM, F. R. Morte e Finitude em nossa Sociedade: Implicações no ensino dos cuidados paliativos. IN: II Jornada de cuidados paliativos e dor: corpo mente e alma em foco. INCA/HC1, Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, 2002, 48(1): 17-20.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Hist. cienc. Saude-Manguinhos vol.15 nº 1, Rio de Janeiro Jan./Mar. 2008

SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?. Physis [online]. 2008, vol.18, n.4, pp. 801-815.

SILVA, M. M. O Negócio é Trabalho. Rev. Ped. - CREUPI – Espírito Santo do Pinhal – SP, v. 01, n. 02, jan./dez. 2004.

SILVA, T.T.S. (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, V. M. T. - Lendo sobre a velhice: resenha. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003 online.

VELOZ, M. C. T., NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. and CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. Psicol. Reflex. Crit., 1999, vol.12, no.2, p.479-501.

ZEPPELLINI JR., J. C. O mal-estar no envelhecimento: sujeitos, pathos e as quatro estações. Latin-American Journal Of Fundamental Psychopathology online V, n. 1, nov/2005